

Parque de Serralves: Paisagem com Vida

PEDRO NOGUEIRA, JOÃO ALMEIDA, RAQUEL RIBEIRO, ANA OLIVEIRA, JOANA MEXIA DE ALMEIDA,
SOFIA VIEGAS & ELISABETE ALVES

Fundação de Serralves
dir.parque@serralves.pt

Resumo

Serralves experiencia-se! Na inovadora escala territorial, sobrepondo-se ao parcelamento da estrutura fundiária portuense; na associação ao território periurbano e regional, origem e base do seu investimento; nas aspirações sociais e culturais de vanguarda, que aqui constituem um testemunho único da 1ª metade do século XX; na linha de fronteira de um mundo em rápida transformação e das alterações sociais dos tempos que lhe sucedem; na salvaguarda da integridade de um património excecional e do seu modo de habitar exclusivo; na memória do entrosamento de espaços rurais e urbanos, naquela que se poderá designar a última quinta de recreio do Porto; na constituição de um projeto cultural de âmbito europeu, integrando um futuro sempre presente, com a criação do Museu de Arte Contemporânea. Da visão de um homem, Carlos Alberto Cabral, idealista e seu primeiro proprietário, e através da compra da propriedade pelo Estado Português, em 1987, tendo como fim a promoção de atividades culturais no domínio de todas as artes, preserva-se um espaço notável, transmitindo às gerações futuras a memória de uma história comum, dividida por diferentes momentos dos séculos XIX e XX, na promoção da dialética em que se funda: Arte e Natureza.

Palavras-Chave: Serralves; Parque; Jardim Histórico; Paisagem; Jacques Gréber; Vale do Ave; Carlos Alberto Cabral

PARQUE DE SERRALVES

PAISAGEM COM VIDA

Serralves, unidade temporal e espacial complexa, cujo caráter, inicialmente de cariz privado, soube alcançar desígnio público, é matéria rica em atributos e significados, sintetizando as transformações da paisagem em que se insere pela sobreposição de valores estéticos, sociais e culturais.

Serralves experiencia-se! Na inovadora escala territorial, sobrepondo-se ao parcelamento da estrutura fundiária portuense; na associação ao território periurbano e regional, origem e base do seu investimento; nas aspirações sociais e culturais de vanguarda, que aqui constituem um testemunho único da 1ª metade do século XX; na linha de fronteira de um mundo em rápida transformação e das alterações sociais dos tempos que lhe sucedem; na salvaguarda da integridade de um património excecional e do seu modo de habitar exclusivo; na memória do entrosamento de

espaços rurais e urbanos, naquela que se poderá designar a última quinta de recreio do Porto; na constituição de um projeto cultural de âmbito europeu, integrando um futuro sempre presente, com a criação do Museu de Arte Contemporânea.



Imagem 1: Parterre Central na década de 1950 (Foto Alvão).

Da visão de um homem, Carlos Alberto Cabral, idealista e seu primeiro proprietário, e através da compra da propriedade pelo Estado Português em 1987, tendo como fim a promoção de atividades culturais no domínio de todas as artes, preserva-se um espaço notável, transmitindo às gerações futuras a memória de uma história comum, dividida por diferentes momentos dos séculos XIX e XX, na promoção da dialética em que se funda: Arte e Natureza.

ANTECEDENTES

O JARDIM ROMÂNTICO

Serralves tem a sua origem na propriedade de veraneio da família Cabral, radicada desde princípios do século XIX no centro do Porto. Diogo José Cabral, empresário têxtil com indústria no Vale do Ave, adquire a propriedade por ajuste matrimonial com Maria Emília Magalhães, iniciando-se uma série de alterações à mesma em que se salienta o papel relevante do seu filho, Diogo José Cabral Jr., 1º Conde de Vizela (1864-1923), uma referência na modernização industrial do País, com título nobiliário concedido em 1900.

Inscrevendo-se num dos núcleos de expansão da cidade, já referenciado na carta topográfica de Telles Ferreira (1892), a Quinta de Lordelo posiciona-se entre

bandas de construções faceando a Rua de Serralves, abrindo-se os logradouros para matas e terrenos de cultivo.

Da Quinta de Lordelo perduram ainda fotos anteriores a 1925, retendo a imagem da casa burguesa e do seu jardim romântico. Aí se observam os canteiros de formas orgânicas com grande diversidade de espécies ornamentais, prolongados até à balaustrada sobranceira ao lago, situado a meia encosta, revelando o gosto eclético e pitoresco característico do seu tempo.

Após a morte de Diogo José Cabral Jr., em 1923, é Carlos Alberto Cabral (1895-1968), então com 28 anos, quem assume os comandos de uma indústria com a qual está familiarizado, herdando igualmente a propriedade da família na Rua de Serralves.



Imagem 2: Pavilhão nas margens do lago e ponte de ligação à ilha da Quinta de Lordelo, anterior a 1925 (Foto Beleza).

CARLOS ALBERTO CABRAL – IDEALISTA E 1º PROPRIETÁRIO

UM COSMOPOLITA EM RUTURA COM OS VALORES DO SEU TEMPO

Quando em 1923, Carlos Alberto Cabral, 2º Conde de Vizela, herda a então Quinta de Lordelo, a propriedade teria uma dimensão consideravelmente inferior à que hoje apresenta, iniciando-se um processo de compra e permuta que levaria ao seu alargamento até aos 18 hectares atuais. Neste processo, a propriedade toma a designação de Quinta de Serralves, constituindo-se como obra referencial e testemunho único da 1ª metade do século XX, materializando as aspirações sociais e culturais vanguardistas do seu primeiro proprietário.

Imbuído da cultura visual do seu tempo, Carlos Alberto, cosmopolita e exigente, descendente da restrita elite industrial que prospera após a Primeira Guerra Mundial, privilegia as correntes artísticas que operam entre os anos 20 e 40 do século passado, em particular da arquitetura e das artes decorativas francesas, para o que terá contribuído de forma determinante a sua visita a Paris, à Exposição Internacional de Artes Decorativas e Industriais Modernas, em 1925. Aí, na prefiguração da ideia de modernidade, encontra os interlocutores que mais se ajustam ao seu pragmatismo de classe, entre eles: Charles Siclis (1889-1942), arquiteto cujas aguarelas de 1929 estão na origem da imagem referencial da Casa de Serralves; Jacques Émile Ruhlmann (1879-1933), arquiteto decorador; e Jacques Gréber (1882-1962), arquiteto convidado a desenhar um novo jardim.

PRIMEIROS ESBOÇOS PARA O PARQUE

DE MARQUES DA SILVA A JACQUES GRÉBER

No limiar de um tempo onde poucos teriam a sua liquidez financeira, fruto do resguardo da indústria têxtil portuguesa numa Europa em convulsão, Carlos Alberto Cabral idealiza para o Porto uma espécie de obra total, procurando uma outra visão que não a da burguesia do seu tempo, na encenação de um novo mundo e sintetizando uma visão de modernidade.

Auxiliado pela colaboração permanente do arquiteto portuense José Marques da Silva (1869-1947), autor dos primeiros esboços para a Casa e o Parque, Carlos Alberto Cabral vai fazendo a síntese entre as diferentes visões e contributos, assegurando desde cedo o acompanhamento minucioso do projeto e da obra, como se constata no registo de uma planta programática, onde se encontra manifesta a vontade de preservar apenas o essencial, com a integração da estrutura dos jardins preexistentes nos novos planos e onde já se encontram esboçadas algumas ideias que seriam consubstanciadas nos planos de Jacques Gréber, responsável pelo projeto de vários jardins na Europa e América do Norte, para o Parque.

As plantas de Gréber para Serralves datam de 1932, revelando um ecletismo de estilo e uma apropriação do local surpreendentes, pela atualização e valorização da quinta de recreio como um todo, elevando-a a um novo patamar de dimensão internacional, precisamente pela incorporação de princípios de grande atualidade, em rutura com o contexto português de então.

JACQUES GRÉBER

URBANISTA E ARQUITETO DE JARDINS

Urbanista, arquiteto, criador de parques e jardins, Jacques Gréber é um observador atento das modificações sofridas pelas cidades ao longo do século XIX e início do século XX, posicionando-se desde cedo em várias frentes.

Aluno de arquitetura da École des Beaux-Arts de Paris, a sua prática ganha contudo relevo pela conceção de parques para os descendentes da Revolução Industrial Americana, num período áureo designado *Country Place Era*, que termina com a Grande Depressão de 1929, conduzindo ao regresso de Jacques Gréber à Europa, onde passará a dedicar-se ao ensino no Institut d'Urbanisme de Paris.

Dos jardins privados desenhados por Gréber nos Estados Unidos destacam-se: Miramar, de Hamilton Rice, em Newport, no estado de Rhode Island; Harbor Hill, de Clarence H. Mackay, em Roslyn, Long Island, no estado de Nova Iorque; os parques de Whitemarsh Hall, de Edward Stotesbury, em Chestnut Hill, e Lynnewood Hall, de Peter Widener, ambos situados nos arredores de Filadélfia, Pensilvânia, e realizados conjuntamente com o arquiteto Horace Trumbauer (1868-1938). Todos eles se constituíram como símbolos de opulência, prestígio e validação social, imbuídos na cultura clássica, cujas estratégias de conceção encontram paralelismo em Serralves. Com exceção de Miramar, pouco resta hoje destes jardins. Atingidos pelo *crash* da Bolsa de Valores de Nova Iorque em 1929, os capitalistas americanos não conseguiriam manter as suas propriedades. Desmanteladas, destruídas ou muito alteradas, encontram-se irremediavelmente comprometidas, perdendo-se de igual forma a memória de uma época e da ação dos seus intervenientes.

É também por este motivo que Serralves se constitui como excecional repositório de uma história intercontinental, um dos poucos jardins sobreviventes deste período que nos dá conta da mestria de Jacques Gréber, ilustre representante de um tempo e das suas idealizações em ambos os lados do Atlântico.

Entre 1913 e 1930 Jacques Gréber atravessa 144 vezes o Atlântico, numa odisséia para a qual terá contribuído não só a sua ação como arquiteto de jardins privados, mas também a sua atividade como urbanista. Destaca-se particularmente a sua intervenção em Filadélfia, nos planos do Benjamin Franklin Parkway, entre 1917 e 1922, num dos maiores projetos públicos do movimento *City Beautiful*, reorganizando a maior cidade industrial da América num eixo monumental de arte e cultura.

Dividido entre os EUA e a Europa, Gréber foi ainda urbanista de várias outras cidades, entre as quais Lille (1920-57), Salins-les-Bains (1922), Marselha (1931-40), Abbeville (1932), Rouen (1940-47) e ainda de Ottawa, no Canadá (1950), tendo ainda realizado outros trabalhos neste país. Destaca-se ainda a sua posição de arquiteto-chefe da Exposição Internacional de Paris em 1937, no âmbito da qual foi comissário e publicou o catálogo da exposição *Jardins Modernes*, num período que se anuncia já de rutura com os valores de paisagem praticados até então e em que se começa a impor uma visão mais racional e funcionalista, de que Serralves incorpora alguns elementos.

Desta forma, partindo de um modelo europeu maturado na realidade americana, Jacques Gréber perfila-se como um projetista experiente e reconhecido que se ajusta ao pragmatismo de classe de Carlos Alberto Cabral, numa obra referencial que estabelece o Parque de Serralves como uma paisagem de características únicas, internacionalmente relevante para a história dos jardins.

Do percurso excepcional de um grande projetista fica-nos o seguinte registo: “Gréber, sem entrar em rutura com a linha tradicional, transporta-nos para o futuro. Ele procura dar ao jardim uma fórmula nova de acordo com a característica da nossa época, associando-lhe com uma rara felicidade o seu gosto pessoal e um conhecimento profundo dos diversos estilos, obtendo jardins de um efeito encantador.” (Passillé, 1923).

O PROJETO PARA O PARQUE

UM DESENHO EM DIÁLOGO COM O LUGAR

No longo período de construção da Quinta de Serralves, os jardins são criados num processo relativamente breve, a que não deverá ser indiferente a experiência e a mestria de Jacques Gréber. Partindo dos estudos de Marques da Silva para o jardim, onde se encontram já definidas algumas características que serão posteriormente consubstanciadas, é notória, desde os primeiros esboços, a articulação direta do jardim com os espaços de habitar, refletida na forma como a Casa dialoga com o espaço exterior, emoldurando a paisagem e fazendo-a participante da sua intimidade, obedecendo à prática de Jacques Gréber, segundo o qual: “a lei dominante é sempre compor o jardim para a casa, da qual ele é o necessário acompanhamento.” (Passillé, 1923).

Constituindo uma ponte entre o neoclassicismo e a modernidade, os jardins desenhados por Jacques Gréber, datados de julho de 1932, demarcam-se pela subtilidade do detalhe e pela adequação de escalas, beneficiando das condições topográficas e climatéricas capazes de promover a diversidade de espaços e habitats que aqui se verificam.

Oferecendo uma monumentalidade definida pela prática intercontinental do estilo *Beaux-Arts*, o Parque adota e reinterpreta o mesmo modelo, oscilando entre o espaço urbano e o rural, no aro de uma cidade ainda em expansão, permitindo a materialização de um imaginário que em outros centros urbanos, por constrangimentos espaciais, começava a escassear.

Nos 35 metros de desnível do grande eixo que parte da Casa, sucedem-se um conjunto de espaços de características formais e ecológicas distintas, onde se procura harmonizar um programa *sui generis*, integrando o formalismo dos jardins envolventes à Casa, os bosques que rodeiam a propriedade e o lago romântico, e os terrenos de sementeira do Mata-Sete, numa avaliação atenta do lugar, das suas potencialidades e sinergias, e numa notável adequação entre as opções de projeto e a topografia do terreno.

Gréber, dando continuidade aos cânones de base clássica, liberta-se contudo do excesso decorativo, garantindo um conjunto sóbrio e coerente, cujos espaços, embora hierarquicamente articulados em torno dos dois eixos de composição, se constituem como autónomos na sua fruição.

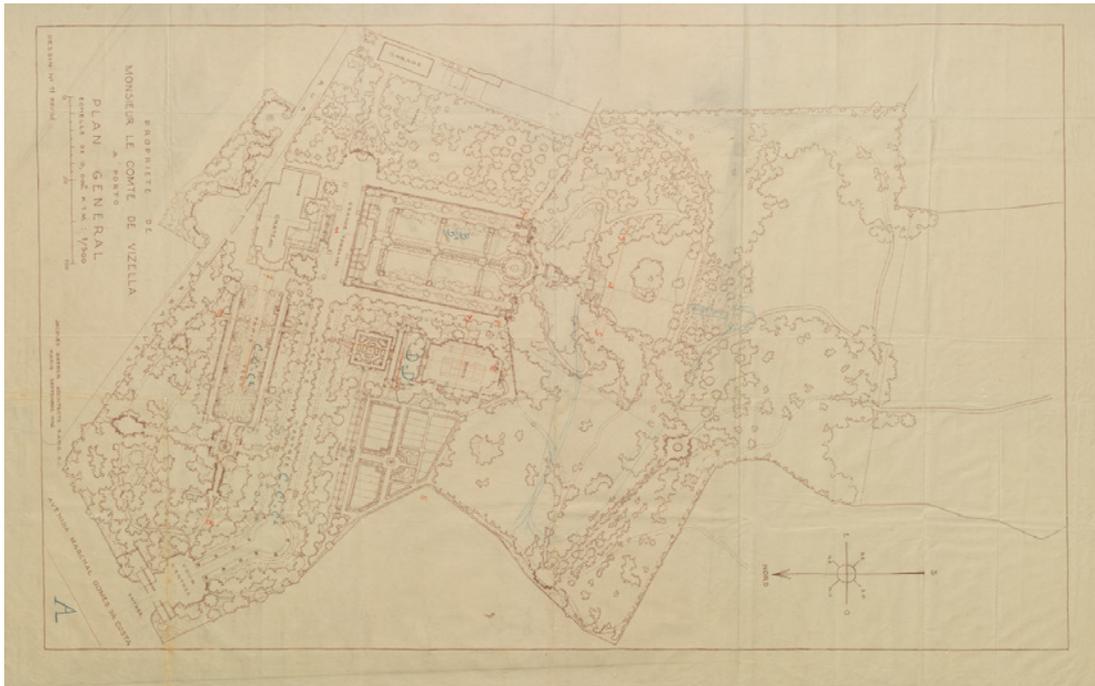


Imagem 3: Plano Geral de Jacques Gréber para o Parque, setembro de 1932.

Procura-se a monumentalidade que define todo o programa, de que é exemplo a Alameda dos Liquidâmbares, unindo a entrada da Avenida do Marechal Gomes Costa ao *grande terrasse* sobranceiro ao Parterre Central. Daqui parte o grande eixo que se prolonga praticamente até à extremidade sul da propriedade, ligando o espaço de fruição ao espaço de produção do Mata-Sete, numa unidade de grande riqueza cénica, feita do entrosamento de espaços geométricos e orgânicos, e para a qual contribui de forma significativa a associação de espécies autóctones e exóticas, em manifestações surpreendentes.

O PARQUE NA DÉCADA DE 1950

O ÁLBUM FOTOGRÁFICO DA CASA ALVÃO

Concluída em meados da década de 1940, a Quinta de Serralves resulta de praticamente vinte anos de projeto e da visão do seu criador. Dissidente da burguesia portuense e amante da cultura francesa, Carlos Alberto Cabral reúne num improvisado faseamento diversos interlocutores, constituindo Serralves como imagem e representação de uma época e das suas aspirações. Porém, em 1953, numa conjuntura de pós-guerra, vítima da inadaptação ao progresso industrial e ao tempo que se anuncia, Cabral é forçado a vender a sua propriedade, desfazendo-se do projeto do qual hoje é reconhecido como principal autor. Resta-nos desse período o registo fotográfico realizado pela Casa Alvão daquela que será a última quinta de recreio do Porto, encomendado pelo seu ainda proprietário.



Imagem 4: Parterre Central e Parterre Lateral na década de 1950 (Foto Alvão).

Memória de um tempo privado e exclusivo que se afigura fugaz, as fotografias compostas por Domingos Alvão fixam e perpetuam o legado de Carlos Alberto Cabral, na consciência da sua singularidade e na antecipação do seu reconhecimento.

“O olhar que as fotografias da Foto Alvão nos permitem sobre a propriedade do Conde de Vizela cede hoje a uma curiosidade voyeurista sobre um tempo e vida outros, construindo uma leitura possível do desejo que neste lugar encontrou realização, breve, na segunda metade da década de 40. (...) Retrato não de uma época, porque a idealização de Serralves não pertence nem ao tempo nem à geografia em que se inscreveu – Portugal e o segundo quartel do século XX –, mas antes de um momento singular, de particular conjugação de conhecimento, vontade e capacidade de realização.” (Diniz, 2004).

DELFIN FERREIRA – CONSERVADOR E 2º PROPRIETÁRIO

UM HOMEM DE PALAVRA

O segundo proprietário de Serralves, à semelhança do anterior, herdara e consolidara o império têxtil iniciado pelo seu pai, Narciso Ferreira, uma das grandes figuras da indústria no norte de Portugal em finais do século XIX.

Delfim Ferreira (1888-1960) expande o património herdado, alargando o ramo de atividades e de investimentos, em particular nos setores da construção civil e da exploração hidroelétrica, o que lhe permitiu, ao contrário do Conde de Vizela, ultrapassar os constrangimentos de uma indústria em crise, num mundo em galopante mudança.

Desta forma, Serralves é parte da memória associada à industrialização do país e às transformações sociais entretanto operadas. Dois mundos singulares aqui se tocam: o da esfera pessoal, enquanto espaço de habitação e fruição, e o do território de investimento e produção que assegura o primeiro, potenciado pelas ideias, o capital e a tecnologia, que ironicamente provinham de outra esfera geográfica,

muito para lá das fronteiras nacionais, onde ambos os proprietários fizeram a sua formação e onde vislumbraram o sentido de modernidade.

Usufruindo Carlos Alberto Cabral de Serralves apenas sete anos, a aquisição da propriedade por Delfim Ferreira permitiu contudo a perpetuação deste património e da sua integridade, tal como havia sido assumido em compromisso entre ambos, até à compra pelo Estado Português aos seus herdeiros, em 1987.

Salvaguardou-se desta forma um projeto único de dimensão internacional, onde o seu caráter, inicialmente de cariz privado, alcançou desígnio público.

A COMPRA PELO ESTADO PORTUGUÊS

A SALVAGUARDA DE UM PATRIMÓNIO DE EXCEÇÃO

A necessidade de constituição de um espaço onde o pensamento contemporâneo e as suas manifestações artísticas pudessem ter lugar levou o Estado Português, através da ação da Secretaria de Estado da Cultura, a adquirir a Quinta de Serralves, espaço de qualidades espaciais e formais únicas na cidade do Porto, num processo longo apenas concluído em outubro de 1986.

Foi então composta uma Comissão Instaladora, responsável pela gestão do património confiado e pela execução das medidas necessárias à sua adaptação ao fim público, num percurso coroado pela abertura da Casa de Serralves à comunidade em 29 de maio de 1987.

A Fundação de Serralves foi instituída a 27 de junho de 1989, através do Decreto-Lei n.º 240-A/89, estabelecendo os seus estatutos a “promoção de atividades culturais no domínio de todas as artes”, numa parceria entre o Estado e a Sociedade Civil, entre empresas e particulares, abrangendo um vasto leque de Fundadores em contínua expansão.

Sendo o espaço percecionado como um todo indivisível – casa e jardins –, a abertura ao público exigiu a preservação do seu caráter, assegurando os princípios que estiveram na origem da sua conceção, sem contudo ceder a uma imagem estática e datada, procurando antes a adaptação do espaço ao enquadramento vivo que a moldura do seu tempo oferece.

A ABERTURA DO PARQUE DE SERRALVES AO PÚBLICO

PRIMEIRAS AÇÕES DE RECUPERAÇÃO

“É na qualidade da gestão e manutenção que reside a continuidade do património notável que é o Parque de Serralves” (Marques, 1998).

A abertura do Parque ao público exigiu a implementação de um conjunto de ações de recuperação prioritárias, determinantes para a transição de espaço privado a espaço aberto ao público. Estas ações permitiram analisar as oportunidades e

restrições oferecidas por um conjunto de condicionantes: patrimoniais, físicas, funcionais, estruturais e urbanísticas, materializadas no Plano Diretor de Serralves de 1989 (Andresen, 1989), daí advindo as diretrizes de gestão e manutenção responsáveis pelo sucesso das ações de recuperação.

Da análise das condicionantes resulta a estabilização de funções e a determinação do uso dos espaços, controlando o desgaste provocado pelo acréscimo de visitantes. Esta análise determina ainda o uso do Parque do ponto de vista do visitante, hierarquizando os acessos e os circuitos interiores, referenciando os pontos de vista notáveis e a delimitação das áreas de manutenção, com características bastantes distintas, assegurando a diversidade de cenários e a qualidade de visita ao Parque.

Para a salvaguarda da relação do Parque com a sua envolvente, salienta-se ainda o estudo de 1990 para a definição da Zona de Proteção a Serralves (Marques, 1990).

UM COMPROMISSO COM A COMUNIDADE

Após a aquisição da propriedade pelo Estado, a abertura ao público determinou o seu ajustamento programático, valorizando a componente educativa, lúdica e recreativa, particularmente através da participação de escolas e grupos de crianças. Fomenta-se o conhecimento através da experiência e da observação, promovendo uma cidadania mais informada e consciente num conjunto de programas de âmbito alargado.



Imagem 5: Vista aérea do Parque de Serralves no início da década de 1990.

Espaço de habitar e paisagem de particularidades singulares, o Parque assume uma missão patrimonial e pedagógica, valorizando linguagens e valores sistémicos a par das atividades artísticas e culturais, e atraindo até si novos e crescentes públicos.

Surgem novos projetos e sedimentam-se antigos; qualificam-se equipas proporcionando situações mais ricas de aprendizagem; conquista-se um lugar pioneiro na promoção da paisagem e da educação ambiental, pela dinâmica e originalidade das atividades apresentadas, daqui resultando o prestígio alcançado, galardoado em 1997 com o “Henry Ford Prize for the Preservation of the Environment”. Criam-se cursos, visitas e oficinas; promovem-se colóquios e conferências; anima-se o Parque com eventos de grande visibilidade, fazendo do mesmo um espaço de abertura e comunhão com a comunidade.

Neste desígnio, uma ideia tutela todas as ações: “A arte e a ciência estimulam-se para o aprofundar do entendimento das relações dos seres humanos com a natureza, sendo assim fundamental experimentar uma prática convergente e contribuir para a perceção simultânea da arte e da natureza como uma linha de vanguarda” (Andresen, 1992).

A CONSTRUÇÃO DO MUSEU E DO SEU JARDIM

DA HORTA AJARDINADA AO JARDIM DAS AROMÁTICAS

A avaliação do carácter diferencial das diferentes áreas do parque, seu valor e plasticidade, permitiu a introdução de programas futuros, como se verificou com a construção do Museu de Arte Contemporânea, edifício projetado por Álvaro Siza Vieira.

A implantação do edifício, impercetível do exterior da propriedade, resulta da ocupação da antiga horta numa cabeceira a norte, constituindo um volume único, articulado em dois braços assimétricos orientados a sul, definindo um conjunto de pátios que comunicam com o jardim projetado pelo arquiteto paisagista João Gomes da Silva.

Inaugurado em 1999, o Museu insere-se ao longo de uma clareira marginal aos jardins da Casa, definindo-se em si mesmo como espaço autónomo, articulando tempos e programas distintos. Nas palavras de Siza Vieira: “Encontrei-me de novo perante o programa de um museu inserido num jardim consolidado, preexistente, belíssimo (...). A intenção foi a de que o museu, ocupando o antigo pomar, constituísse um elemento que desencadeasse um maior movimento no conjunto dos percursos de todo o jardim”.

Neste processo, e na sequência da construção do Museu, com início em 1995, na antiga horta da propriedade, procedeu-se à seleção de estratégias capazes de colmatar a perda patrimonial deste espaço, contemporâneo à construção dos jardins da Casa. Optou-se então pela transferência da sua memória para outro espaço, materializado pela construção do Jardim das Aromáticas, enquanto lugar de produção e de fruição didática, acolhendo não só o património florístico da horta e da sua

envolvente, caso do laranjal, como parte das suas infraestruturas, de que é exemplo a estufa que hoje se encontra no centro deste espaço.

O PROJETO DE RECUPERAÇÃO DA PAISAGEM DE SERRALVES

NOVAS AÇÕES PARA UM PROCESSO SEMPRE INACABADO

Após a sua abertura em 1999, o Museu introduziu alterações na dinâmica do espaço, a que se somou um desequilíbrio estrutural e biológico da paisagem, conduzindo à “realização de um estudo completo operativo, integrador, de gestão e conservação, que é o Plano de Recuperação” (Mateus, 2002). Optou-se então por um plano antecipativo requalificador, atuando de forma sistematizada, cujos estudos se iniciam em 2001. Neste processo, o reconhecimento simultâneo da parte e do todo, na “articulação de espaços e de sistemas estruturantes, funcionais e de composição”, definiu seis categorias de intervenção: Reabilitação, Preservação, Reconstituição, Recriação, Redesenho, Estabilização e Consolidação, “procurando definir e acentuar a especificidade que caracteriza cada um dos lugares sem hipotecar a sua integridade, seja esta de ordem ecológica e biofísica, ou de ordem histórica” (Taborda, 2002).

Para a sua conformidade, foi determinante a caracterização e diagnose da paisagem de Serralves, numa atualização do Plano Diretor de 1989, com a definição dos espaços e respetivas ações de recuperação.

A implementação do Projeto de Recuperação, finalizado em 2006, revelou em grande medida uma estrutura viva e mutante, num processo de recuperação sempre inacabado.

O PARQUE DE SERRALVES

MOSAICO RICO E DINÂMICO

O Parque de Serralves ocupa uma área de 18 hectares e constitui-se hoje como parte fundamental da estrutura ecológica da cidade do Porto. O seu desenho revela uma apropriação surpreendente do local, na sucessão de espaços de características estilísticas distintas, adaptadas de forma singular às condições biofísicas de suporte, determinando a multiplicidade de habitats e a diversidade biológica aqui presente. Dos jardins aos bosques, da mata aos campos de sementeira, da Casa ao Museu de Arte Contemporânea, o Parque de Serralves constitui-se como um mosaico rico e dinâmico, articulado num conjunto de espaços comunicantes.

Os jardins da Casa

O reconhecimento da geometria axial é fundamental, assim como a autonomia física e visual dos espaços, com a separação dos mesmos reforçada pelas orlas anexas, maioritariamente constituídas por elementos arbustivos de folha persistente.

A Alameda dos Liquidâmbares, formada por quatro alinhamentos de árvores desta espécie, confere a geometria e linearidade necessárias na aproximação ao eixo principal, dando resposta à monumentalidade que define todo o programa, e assegurando, simultaneamente, a ligação da Casa ao Museu de Arte Contemporânea, na transição de dois tempos e de duas espacialidades que aqui se associam.

Dos jardins formais, formando terraços contidos por muros e alamedas arborizadas, destaca-se o Parterre Central, com notória inspiração nas artes decorativas, constituído por jogos de água e clareiras relvadas enquadradas por orlas arbustivas. Daqui se parte à descoberta de uma multiplicidade de espaços, de características distintas e autónomas, revelando contudo uma integração harmoniosa no todo a que pertencem: o Parterre Lateral, com a sua clareira longilínea em estreita relação com a Casa, o Roseiral, o Jardim do Relógio de Sol e o Campo de Ténis, espaços de deambulação, articulação e estadia, e ainda o Jardim das Camélias, ocupando parte do antigo jardim do século XIX remanescente.

Os bosques

Sem afirmar uma cobertura contínua, na comunicação de pequenas clareiras e espaços de arborização esparsa, os bosques de Serralves – Arboreto, Bosque das Faias e Bosque do Lago –, pela multiplicidade de cenários que materializam e enquadram, constituem-se como lugares de referência.

Pelo seu carácter mais espontâneo e menos artificializado, contribuem de forma significativa para a manutenção da diversidade ecossistémica, numa progressiva adaptação dos elementos florísticos às condicionantes biofísicas de suporte, a que se somam outras de carácter funcional e estrutural, determinando as formas de utilização dos espaços e daí advindo as diretrizes para a sua gestão e manutenção.

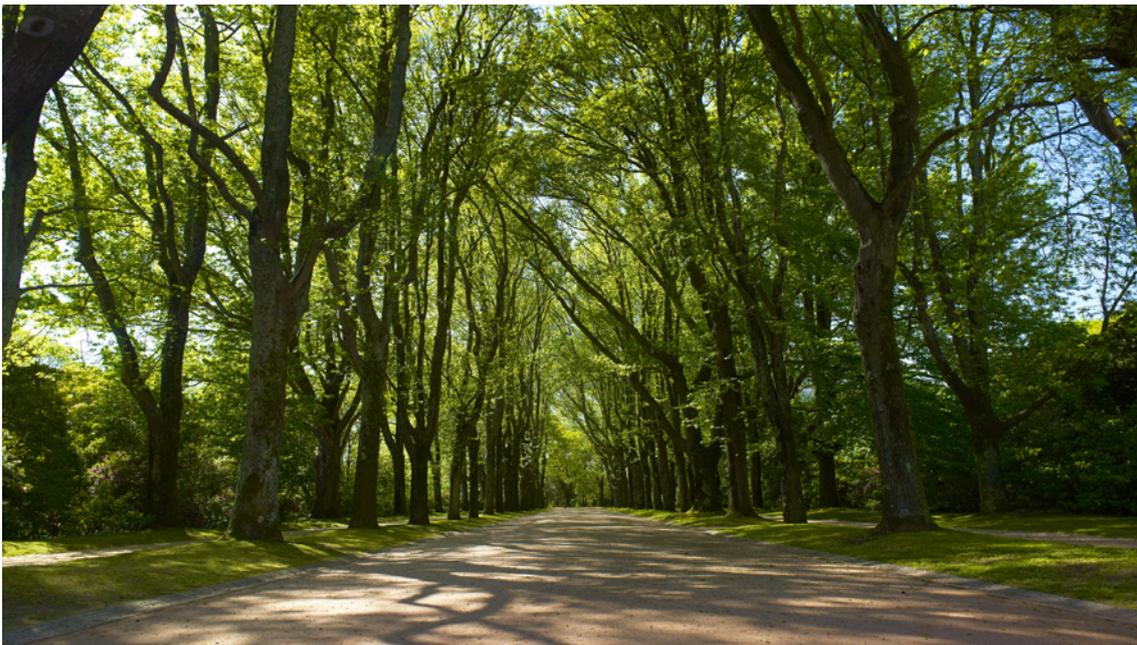


Imagem 6: Alameda dos Liquidâmbares.



Imagem 7: Bosque das Faias.

Os campos, a Mata e o assento agrícola do Mata-Sete

A conjugação de ecossistemas distintos nas suas características particulares de temperatura, sombra e humidade, fazem deste um dos espaços mais peculiares da propriedade, repleto de ambiências mutantes que vale a pena vivenciar.

Da Mata aos campos de sementeira, a gestão desta unidade de paisagem concentra especificidades próprias, obedecendo a sua manutenção a critérios maioritariamente didáticos e pedagógicos, num mosaico único associado ao mundo rural.



Imagem 8: Os campos de sementeira do Mata-Sete.

Se no caso da Mata se promove a regeneração do coberto vegetal e em particular do carvalhal associado à mata atlântica, controlando a erosão dos taludes e potenciando as suas características termorreguladoras, no caso dos campos assegura-se o conhecimento associado às práticas agrícolas regionais e do património genético que lhe está associado, nomeadamente pela presença de raças protegidas de carácter autóctone, caso do burro de Miranda e dos bovinos das raças Arouquesa, Barrosã e Marinhola, entre outras.

O Jardim das Aromáticas

Localizado na folha agrícola poente, o Jardim das Aromáticas apresenta um traçado orgânico resultante da própria topografia do terreno, com uma série de canteiros distribuídos radialmente a partir da estufa, onde se conjugam arbustos e herbáceas de características aromáticas, medicinais e de uso culinário distintas, de grande valor pedagógico.

O Jardim do Museu de Arte Contemporânea

O Jardim do Museu de Arte Contemporânea constitui-se como um espaço de grande valor estético e ecológico, com recurso a associações florísticas típicas do norte de Portugal.

Redefinindo os limites de implantação do Museu, o programa desenvolve-se em torno de três espaços distintos: a Clareira das Bétulas, a Clareira dos Teixos e a Clareira das Azinheiras, rodeadas por sebes e bosquetes naturalizados, dialogando de forma permeável com a sua envolvente.

OS VALORES NATURAIS DO PARQUE

A FLORA

O Parque de Serralves é reconhecido pela diversidade do seu património arbóreo e arbustivo, composto por vegetação nativa de Portugal (autóctone) e exótica ornamental (alóctone). Este património é constituído por cerca de 8000 exemplares de plantas lenhosas (árvores e arbustos), possuindo representantes de sensivelmente 230 espécies e variedades originárias de todos os continentes, distribuídas pelos seus 18 hectares.

A vegetação autóctone inclui algumas espécies raras, como o teixo e outras, representativas da flora nacional, como o azevinho, o sobreiro e algumas espécies emblemáticas de carvalhos, como o alvarinho, o negral e a azinheira. Destaca-se também o castanheiro pela sua abundância no Parque e porte majestoso de alguns exemplares, como o que se encontra no Roseiral. Da comunidade arbustiva merecem especial atenção o pilriteiro, o folhado e a aveleira pelo seu papel estruturante em algumas zonas do Parque.

A flora alóctone assume no Parque de Serralves um papel fundamental, sendo um dos jardins do Porto com maior número de camélias, e onde sobressaem espécies como a sequoia e sequoia-gigante, o tulipeiro-da-Virgínia, o cedro-do-Atlas e o cedro-do-Líbano, o castanheiro-da-Índia, os rododendros e as azáleas, as faias e o liquidâmbar, que no outono exibe uma folhagem rubra, magnífica, de uma beleza incomparável no Parque de Serralves.

A diversidade de origens da flora aqui observada, bem como a exuberância e porte majestoso de alguns exemplares, contribuem para o caráter de exceção da paisagem do Parque de Serralves e para a singularidade dos espaços que o compõem, constituindo-se todos eles como elementos essenciais e indicadores da diversidade visual, funcional e ecológica do Parque.

OS VALORES NATURAIS DO PARQUE

A FAUNA

Fauna silvestre – vertebrados

A biodiversidade animal encontra no Parque de Serralves um porto de abrigo para a sua sobrevivência no adverso ambiente urbano. As aves são o grupo de vertebrados de que se regista o maior número de espécies no Parque, contando este com a presença frequente de mais de 50. Os restantes grupos animais apresentam uma listagem bastante mais modesta: quatro espécies de mamíferos (duas de morcegos e duas de micromamíferos) e de anfíbios e duas de répteis. Os mamíferos que se podem encontrar no Parque são o morcego-anão, o morcego-hortelão, o rato-das-hortas e o musaranho-de-dentes-brancos. Já de anfíbios conhece-se a presença da rã-verde, do tritão-de-ventre-laranja, do sapo-parteiro-comum e da salamandra-de-pintas-amarelas. Os répteis estão representados pela lagartixa-de-Bocage e pelo licranço.

Fauna silvestre – invertebrados

A grande maioria da biodiversidade animal é representada pelos invertebrados, que representam mais de 98% de todas as espécies animais. Apesar de ainda não existir um conhecimento muito aprofundado sobre os invertebrados do Parque, conhecem-se já 14 espécies de borboletas que aqui encontram as plantas de que necessitam para se alimentarem e reproduzirem. Dos restantes grupos presentes no Parque, com facilidade se encontram joaninhas, abelhas e abelhões, aranhas, escaravelhos e libelinhas, entre muitos outros.

Animais domésticos

Em Portugal existem 48 raças autóctones de animais domésticos. A manutenção das raças autóctones nacionais é essencial para a preservação da diversidade do nosso património genético e consequente conservação dos ecossistemas e paisagem rural, contribuindo ativamente para a promoção de sistemas de produção sustentáveis e para a fixação das populações rurais em zonas desfavorecidas.

O Mata-Sete, na extremidade sul da propriedade, um dos últimos redutos agrícolas no espaço urbano do Porto, apresenta uma grande variedade de espécies domésticas, promovendo a visibilidade de raças protegidas com caráter autóctone, caso do burro de Miranda e dos bovinos das raças Arouquesa, Barrosã e Marinhola, entre outras.

OS GRANDES EVENTOS E AS OBRAS DE ARTE

O PARQUE COMO PALCO PARA A ARTE E PARA O AMBIENTE

Na prossecução da sua Missão de abertura à comunidade e inclusão de diferentes segmentos de público, o Parque de Serralves torna-se anualmente palco de eventos de grande dimensão e visibilidade. São exemplos o Serralves em Festa, o maior festival de expressão artística contemporânea em Portugal, que com a duração de 40 horas oferece a todos os públicos um leque alargado de propostas nas áreas da música, artes performativas, teatro de rua, cinema, entre outros. Também o Jazz no Parque ocupa um lugar de destaque, oferecendo um conjunto de concertos realizados nas tardes quentes de verão no Campo de Ténis do Parque. No último domingo de setembro de cada ano, a Festa do Outono acolhe um número alargado de famílias, num evento que pretende reaproximar o homem da natureza, propondo outras formas de ser, de estar e de comer, relembrando antigas tradições e saberes à luz de preocupações ambientais contemporâneas. As escolas também têm o seu momento de festa no Parque de Serralves, com a comemoração do dia do Ambiente e a Semana da Biodiversidade, eventos educativos que aproximam estes públicos do conhecimento científico, do gosto pela natureza e da adoção de hábitos e comportamentos sustentáveis. O Parque acolhe ainda uma coleção de obras de artistas contemporâneos, confrontando quem o visita com uma singular simbiose entre a arte e a natureza.

GESTÃO E MANUTENÇÃO

A DEDICAÇÃO DIÁRIA DE UMA EQUIPA

Tal como todos os espaços verdes humanizados, o Parque de Serralves é um sistema vivo criado pelo homem. Esculpido na paisagem com recurso a materiais inertes, cada um dos espaços que o compõem ganha vida quando é povoado por plantas, as matérias-primas por excelência de todo e qualquer jardim.

Atendendo ao caráter vivo e em permanente mutação de um espaço desta natureza, a sua manutenção não é mais do que a interrupção diária da evolução natural própria de qualquer ecossistema.

O Parque de Serralves é nisto um caso particular de gestão e manutenção, uma vez que se trata de um jardim histórico com mais de oito décadas de existência, com uma grande diversidade de espaços e ambientes, com exigências de manutenção

também elas muito diversas e cuja finalidade é também a de conservar o seu caráter histórico, mantendo-o fiel à imagem que tinha nas décadas de 30 e 40 do século passado.

A manutenção de um sistema desta complexidade é por isso um trabalho permanente e nunca terminado. Os seus habitantes crescem, adoecem, e também morrem, sendo necessários cuidados diários e personalizados à medida de cada local e de cada espécie.

Mas para que o Parque se apresente imaculado todos os dias, e apesar de toda a tecnologia e maquinaria disponíveis, a mão-de-obra continua a ser uma peça fundamental para a sua manutenção: um trabalho assegurado por uma equipa de doze dedicados jardineiros e um arboricultor que diariamente mantém o Parque pronto a receber os milhares de pessoas que anualmente o visitam, constituindo-se como um elemento fundamental na preservação da sua identidade.

PARQUE DE SERRALVES

LUGAR DE MEMÓRIA, VIDA E FUTURO

A Casa de Serralves, assim designada após a sua aquisição pelo Estado Português em 1987, Casal de Santa Maria enquanto propriedade de Delfim Ferreira e Quinta de Serralves no tempo de Carlos Alberto Cabral, foi classificada como Imóvel de Interesse Público em 1996, vendo revalidado o reconhecimento e relevância do seu património em 2012, pela reclassificação como Monumento Nacional de todo o espaço da Fundação.



Imagem 9: Parterre Central na atualidade.

Património de exceção, Serralves e o seu Parque vivenciam-se na sua experiência! Compreendendo a sua história e os seus intervenientes, lendo o seu desenho, percorrendo os seus caminhos, percecionando as suas alterações, partilhando da mesma pulsação vital que nos aproxima de toda a sua biodiversidade. Dos parterres aos bosques, do jardim do Museu ao Mata-Sete, dos liquidâmbares aos castanheiros, das sequoias às faias, bétulas, sobreiros e medronheiros, camélias e alecrim, funcho, tulipas, morangueiros e hortelã, do chapim-azul à garça-real, dos morcegos ao rato-das-hortas, musaranhos, tritões, salamandras, lagartixas, borboletas, vacas, burros, e tantos mais!

O futuro... é o que se segue ou o que criamos? Uma permanente reconstrução pelas leis da natureza e os desígnios do homem, alimentada na mutação da matéria, testemunhando tempos em continuidade: as suas convicções, idealizações e incertezas.

Daqui resulta um desígnio: a salvaguarda de um legado único, pela sua manutenção e requalificação contínua, iniciada há mais de 25 anos, constituindo o Parque como centro de reflexão dedicado ao estudo e divulgação da paisagem e da biodiversidade, permitindo a promoção de uma cidadania ambiental consciente!

O Porto, cidade onde num passado próximo o rural e o urbano comungavam num modo único de fazer paisagem, possui em Serralves um dos últimos redutos dessa memória singular e um espaço de aprendizagem, simultaneamente cénico, lúdico e produtivo: um projeto maior, construído e predestinado a abraçar o seu tempo.

BIBLIOGRAFIA

- Andrade, S. C. (2009) *Serralves: 20 anos e outras histórias*, Porto: Fundação de Serralves
- Andresen, T. (1989) *Plano Director do Parque de Serralves*, Porto: Fundação de Serralves
- Andresen, T. (1992) *A arte e a natureza na base da formação de uma consciência ecológica*, Porto: Fundação de Serralves
- Andresen, T. & Marques, T. P. (2001) *Jardins Históricos do Porto*, Porto: Edições INAPA
- Andresen, T., Sá, M. F. & Almeida, J. (coord.) (2011), *Jacques Gréber, Urbanista e Arquitecto de Jardins*, Porto: Fundação de Serralves.
- Camard, F. & Fernandes, J. (2009) *Jacques Émile Ruhlmann e a Fraternidade das Artes*, cat. exp., Porto: Edição Fundação de Serralves.
- Cardoso, A. (coord.) (1988) *Casa de Serralves: Retrato de uma Época*, Porto: Casa de Serralves e Secretaria de Estado da Cultura.
- Costa, A. A. (2001) "Serralves", in *Porto 1901-2001, Guia de Arquitectura Moderna*, Porto: Civilização/SRN Ordem dos Arquitectos.
- Diniz, V. B., Siza, T. & Taborda, C. (2004) *Serralves 1940*, cat. exp., Porto: Fundação de Serralves.
- Diniz, V. B. (coord.) (2007) *Acervo Carlos Alberto Cabral, Conde de Vizela*, Porto: Fundação de Serralves.
- Fernandes, J. (coord.) (2011) *Museus de Portugal: Museu de Arte Contemporânea de Serralves*, Edição Quidnovi.

- Marques, T. P. (1990) *Estudo para a Definição da Área de Protecção Paisagística à Fundação de Serralves*, Porto: Fundação de Serralves.
- Marques, T. P. (1998) *Parque de Serralves – Conservação e recuperação de um jardim histórico*, Porto: Fundação de Serralves.
- Marques, T. (2009) *Dos jardineiros paisagistas e horticultores do Porto de Oitocentos ao modernismo na arquitectura paisagista em Portugal*, tese de doutoramento, Instituto Superior de Agronomia.
- Mateus, J. (2002) *Plano de recuperação para a paisagem de Serralves*, Porto: Fundação de Serralves.
- Passillé, R. (1923) *Les jardins français aux États-Unis – Créations de MM. Duchêne et Gréber*, La Gazette illustrée des Amateurs de Jardins.
- Siza, A. (2005) *Expor / On Display*, cat. exp., Porto: Fundação de Serralves
- Taborda, C. (2002) *Plano de recuperação para a paisagem de Serralves*, Porto: Fundação de Serralves.
- Tavares, A. (2007) *Os fantasmas de Serralves*, Porto: Dafne Editora.